

## Desenvolvimento Sustentável e Dimensão Económica e Social da Europa

**João Biché Danune**

Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa

---

O Modelo Económico e Social europeu não deve prosseguir o seu caminho apoiando-se unicamente na tão propalada civilização desenvolvimentista que se empenha em continuar a sua trajectória de desenvolvimento a todo o transe. Este modelo deve evitar os catastróficos efeitos do actual modelo de acumulação destrutiva, que se empenha em esgotar os recursos do planeta por detrás de um presumido progresso alucinado sob a suicida obsessão de crescer a qualquer preço.

Se analisarmos a problemática do desenvolvimento num contexto evolutivo de grande escala e fizermos uma síntese histórica desde a remota hominização até a globalização actual, verificamos que ocorreram sucessivos colapsos nas culturas humanas depois de intensificarem a exploração ambiental, desde o primitivo esgotamento de recursos cinegéticos durante o paleolítico até a posterior degradação dos solos rústicos que acabaram com várias civilizações agrícolas, nomeadamente a Mesopotâmia, os Maias, etc.

É a partir daqui que podemos deduzir o próximo esgotamento da sociedade industrial globalizada, se não fizermos nada para deter a louca caminhada empreendida depois da destruição dos recursos planetários. Sendo assim, o modelo económico e social europeu deve fazer parte da globalização actual, sem nenhuma aproximação a uma teocrática ideologia de determinismo tecnológico.

A Europa não deve basear-se no conceito de progresso que constitui a base ideológica do imperialismo anglo-saxónico: o actual problema do progresso é que se trata de um chamariz, cuja promessa de futuro perfeito oculta efeitos perversos suicidas. Não obstante, se esse chamariz do progresso resulta tão sedutor é pelos seus efeitos económicos a curto prazo, já que oferece uma mítica abundância tendo como preço uma destruição assegurada. É a esta ideologia de crescimento a qualquer custo, a que deve opor-se uma crítica económica rigorosamente fundada, ou seja, uma crítica contra a estratégia de crescimento destrutivo.

O modelo económico e social europeu deve-se apoiar num desenvolvimento humano sustentável, que rejeite liminarmente o actual modelo de crescimento baseado na procura de consumo que é insustentável e ameaça esgotar os recursos não renováveis de que depende para a sua manutenção. Mas, mais importante do que se disse até agora, é pormos à discussão o modelo teórico subjacente.

A economia convencional sustenta que as preferências do consumidor se satisfazem melhor com a intensificação do consumo. Ora, com o advento da Nova Economia da Felicidade, sabemos que uma vez ultrapassado certo limiar de sobrevivência, o que mais satisfaz não é a intensificação do consumo, mas sim a realização humana e as relações pessoais. É sobejamente consensual que o dinheiro e o consumo não dão a felicidade, só o dão o amor, a amizade e o orgulho de si e dos seus. Daí que se possa afirmar que esta louca caminhada global em prol do consumo, cujo motor é a cobiça dos bens alheios, só crie frustração, ansiedade e crescente infelicidade.